

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.  
Amor é a lei, amor sob vontade.  
A palavra da lei é  
Θελημα

Anno Vviii

☉ in 19° ♈, ☾ in 11° ♎

*Dies Mercurii*

08 de Abril de 2025 e.v.

*Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:*

*De Receptaculo Igneae Epistola:*

*Sobre o Recipiente do Fogo: Carta sobre Motta, a Memória e a Missão*

Cara Soror,

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

*Parte 1: história vs mnemohistória*

Recebo tua inquietação com reverência, pois toda dúvida nascida da aspiração sincera é, como está dito, uma lâmpada na mão do Eremita. E quando essa dúvida diz respeito à *linha de transmissão* da A·:A·: e ao papel de Marcelo Ramos Motta (1931–1987), mais do que justo é respondê-la com exatidão — não com opinião ou política, mas com o fio ardente da Verdade. Perguntas-me qual foi sua real importância. A resposta é direta: Motta foi o receptáculo da chama de Thelema em seu tempo — e sem ele, a Voz teria se calado para toda uma geração.

Sem o trabalho de Motta, não estaríamos aqui agora, dialogando como estudantes de uma tradição viva. Quando afirmo isso, não o faço por devoção cega, mas por constatação histórica: foi a publicação de Motta, em 1975, pela Samuel Weiser, de *The Commentaries of AL*, que reavivou Thelema no mundo moderno. Essa obra, reunindo o *Comentário Breve*, o *Comentário Silencioso*, os comentários marginais de Motta, e o *Comentário Extenso* de Aleister Crowley (1875–1947), que permitiu pela primeira vez o acesso público e sistematizado à leitura iniciática do *Liber AL vel Legis* para o grande público. Nenhuma outra ação editorial teve impacto comparável — nem antes, nem depois. Ali começou o verdadeiro reavivamento moderno da Lei. Este livro, trabalho ímpar de Motta, chega a ser um Talismã Mágico de Thelema.

Mas, como te disse em carta anterior, *a história é escrita pelos vencedores* — e quem venceu, no plano exotérico, foi a *Ordo Templi Orientis*. A partir de 1990 e.v., a O.T.O. estabeleceu sua própria *linha de transmissão* da A·A·:, utilizando a autoridade de Motta como base simbólica e estratégica. Vês a ironia? A mesma figura que havia sido denunciada, deserddada e judicialmente derrotada, tornou-se fundamento da legitimidade espiritual daquela *linha de transmissão* defendida e proclamada pela O.T.O. moderna. Os dois nomes por trás desse movimento são William Breeze (n. 1955) e Daniel Gunther (1950–2024), ambos estudantes de Motta.

O primeiro, Breeze, foi formalmente expulso por Motta. Mas a narrativa posterior passou a afirmar que ele havia *se desligado antes de ser expulso* — como se diz popularmente: *não me mande embora, eu mesmo me demito*. O segundo caso, o de Gunther, é ainda mais emblemático. Antes de ser aceito como estudante, Gunther se autoproclamou *Chanceler* da A·A·:, alegando autoridade direta dos Chefes Secretos. Ao saber disso, Motta respondeu com sarcasmo característico: sendo ele próprio um Mestre do Templo, e portanto um Chefe Secreto, não havia concedido tal autoridade. Após trocas de cartas, Motta reconheceu o conhecimento de Gunther, admitindo-o no Grau de Philosophus (4°=7<sup>o</sup>), e conferiu-lhe a tarefa de representar sua instrução nos EUA — inclusive como membro da futura S.O.T.O. (*Sociedade Ordo Templi Orientis*), que Motta tentava fundar como alternativa à O.T.O. de Grady McMurtry (1918–1985), que o havia vencido judicialmente na disputa pelos direitos sobre a obra de Crowley.

Imagina, Soror, a ironia que recai sobre essas voltas do destino: Motta, inimigo declarado de McMurtry, tornou-se o pilar doutrinário da linha da A·A·: oficialmente apoiada pela O.T.O. Aquilo que McMurtry mais temia — a ascensão de Breeze à liderança — tornou-se fato. E aquilo que ele denunciava — o legado de Motta — acabou sendo a base que sustenta a atual narrativa institucional da Ordem sobre sua linha da A·A·:. A história, portanto, dobra-se sobre si como uma serpente que devora a própria cauda — e mostra que, no *esoterismo*, nem sempre o que se escreve é o que permanece.

Com o tempo, Motta considerou Gunther inapto à condução de seu trabalho, retirando-o da chefia da Loja Sangraal da S.O.T.O., mas não rompendo sua conexão com a A·A·:. Então Gunther desapareceu — apenas para ressurgir, após a morte de Motta em 1987, como Chefe da A·A·:, portando uma legitimidade que nunca lhe foi formalmente concedida por aquele que o havia instruído. E assim se reescreve a *mnemohistória*: não como encadeamento de fatos, mas como liturgia de narrativas.

E é aqui, Soror, que quero tocar o cerne de tua pergunta. Qual é a linha legítima da A·A·:? A resposta é simples — e radical: nenhuma é, em absoluto. Se

analises friamente as chamadas *principais linhas* — sejam as de Phyllis Sekler (1917–2004), McMurtry, Motta ou mesmo Gunther — todas contêm lacunas, rupturas, elipses e silêncios que, sob o crivo da razão, revelam a descontinuidade da transmissão formal. Uns são expulsos, mas retornam como patriarcas; outros rompem com seus Superiores, mas seguem como profetas; outros, como Gunther, desaparecem por décadas e retornam como se nunca tivessem partido. Esse é o panorama — e como diz o ditado, *os fatos não se importam com os sentimentos das pessoas*.

Voltamos, então, ao ponto central da última carta: o que tu procuras, Soror, é uma A·A·: institucional — ou uma A·A·: existencial? Pois como ensina o *Liber Aleph*: *Aquele que busca apenas a sucessão de nomes perde a linhagem da Luz; pois esta não se transmite pela língua, mas pela Estrela.* — *Liber Aleph*.

## *Parte 2: The Commentaries of AL*

Motta foi discípulo direto de Karl Germer (1885–1962), o sucessor nomeado de Aleister Crowley na liderança espiritual da A·A·:. Foi Germer quem, percebendo em Motta não apenas zelo, mas fidelidade iniciática, compartilhou os documentos internos, textos comentados e orientações que vinham diretamente da pena do Mestre Therion. Após a morte de Germer, Motta se viu envolvido em disputas — notadamente com Grady Louis McMurtry, mas o que nos importa nessa seção não são as controvérsias, e sim os frutos.

Pois eis o fruto: em 1975, pela editora Samuel Weiser, nos Estados Unidos, Motta publicou *The Commentaries of AL* — a primeira compilação crítica e completa dos comentários de Aleister Crowley ao *Liber AL vel Legis*. Esse foi o momento mais decisivo para o renascimento moderno de Thelema. Pela primeira vez, estudantes, iniciados e curiosos de todo o mundo puderam ter acesso não apenas ao texto nu de *O Livro da Lei*, mas à interpretação legítima, iniciática, estruturada — feita por seu Profeta. Foi ali que o espírito de Thelema voltou a soprar com força. Foi essa edição que redespertou a Consciência Thelêmica não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. Isso é reconhecido por toda comunidade thelêmica internacional, embora pouco divulgado por aqui: o impacto dessa publicação promoveu uma onda gigantesca de novos interessados em Thelema, e reascendeu o fogo no interior de muitos thelemitas antigos. Cara Soror, Marcelo Motta é gigante!

Lembra-te do que está escrito no próprio *Liber AL* (II:64): *Vós sereis agradáveis a mim; vós sereis como tochas com um milhão de olhos, como o relâmpago entre as bestas do campo.*

Motta foi essa tocha. Ele não criou uma nova doutrina, nem fundou uma nova Ordem — ele preservou e revelou o que estava oculto, exatamente como

requer a tarefa de um Mestre do Templo. Como ensina o *Liber 418* (14° aethyr): *O Mestre não é aquele que diz «Eis o caminho», mas aquele que se dissolve em chama para que o outro veja.*

Sua missão não foi a de conquistar discípulos, mas de preparar os instrumentos. Ele traduziu, comentou, publicou e sistematizou. Está escrito no *Livro Sagrado*: *Estas minhas escritas são a verdade. Que ele que lê as palavras da verdade saiba que ele segura o cetro de poder.* — *Liber VII, I:40.*

E como todo verdadeiro iniciado, Motta escreveu não por vaidade, mas por dever. Ele mesmo dizia que a publicação da Lei era sua única missão — e que todo o mais, inclusive a polêmica, era ruído. Tu me perguntas se ele foi perfeito no trabalho. Respondo-te com as palavras de *Liber Aleph*: *Não julgues o vaso pelo seu formato, mas pelo vinho que verte. Pois até mesmo um cântaro rachado pode conter o elixir da estrela.*

Marcelo Motta foi esse cântaro. Se às vezes rachado, sempre fiel. Verteu o vinho da Lei quando mais se precisava. Fez o que outros temeram fazer. E, por isso, é lembrado com honra por aqueles que compreendem que a missão não é adornar a história, mas guardar a Luz.

Tu, Soror, que te preparas no Probacionado, tem agora diante de ti um exemplo não de autoridade, mas de serviço. Como ensina a parábola do beija-flor e da serpente: *Houve também um beija-flor que falou ao cerastes de chifres, e rogou-lhe por veneno. E a serpente disse: Vive tu como eu vivi por cem milhões de gerações, e talvez recebas uma gota do veneno antigo.* — *Liber LXV, V:52–53.*

Motta não pediu. Ele viveu como se deve viver. E por isso recebeu a gota — e a passou adiante. Se hoje lê *O Livro da Lei* com clareza, se hoje conheces o método da A::A:: com exatidão, é porque ele traduziu, explicou e sustentou. Com esforço. Com dor. Com sacrifício. Mas também com alegria. Esta é tua instrução: não temas os nomes, nem te percas nas disputas. Lê o que ele publicou. Anota tuas próprias práticas. Toma o Diário como lâmpada e o Aforismo como lanterna. Caminha com firmeza, mesmo quando fores só — pois, como o Eremita, ele caminhou antes de ti. E sua tocha ainda ilumina teu passo.

Deixo abaixo um excerto sobre Marcelo Motta que estou escrevendo para *O Olho de Hoor*:

*Parte 3: O Herdeiro Relutante e o Guardião do Fogo:  
O papel de Motta no Renascimento da A::A:: no Séc. XX*

Marcelo Ramos Motta nasceu em 27 de junho de 1931, no Rio de Janeiro, Brasil. Dotado de uma mente aguda e uma vocação ascética desde a juventude, foi

educado em colégios tradicionais e iniciou-se nas sendas da filosofia, literatura e espiritualidade ainda na adolescência. Durante a década de 1950, viajou pela Europa e pelos Estados Unidos em busca de uma escola espiritual autêntica — e foi nesse itinerário iniciático que se deparou com os escritos de Aleister Crowley (1875–1947). A leitura de *O Livro da Lei (Liber AL vel Legis)* foi, para Motta, um chamado da alma: reconheceu ali uma Lei que falava não à moral, mas à essência, e consagrou sua vida à preservação, à transmissão e à ordenação da tradição da A·A· e da Lei de Thelema.

Sua iniciação formal no sistema da A·A· ocorreu sob os auspícios de Karl Johannes Germer (1885–1962), então detentor do legado de Crowley e reconhecido como seu sucessor e intermediário com os Chefes Secretos. Germer não apenas aceitou Motta como discípulo, mas compartilhou com ele os documentos internos, instruções e comentários do Mestre Therion, confiando-lhe o encargo de preservar a doutrina da Estrela de Prata. A relação entre ambos se desenvolveu por correspondência e encontros presenciais nos Estados Unidos. Após a morte de Germer, em 1962, Motta viu-se envolvido em acirradas disputas quanto à sucessão da A·A· e da O.T.O., especialmente com Grady Louis McMurtry (1918–1985). Tais disputas, no entanto, não apagaram o principal legado de Motta: sua obra editorial e sua missão doutrinária.

O ponto culminante dessa missão se deu em 1975, com a publicação da obra *The Commentaries of AL*, pela Samuel Weiser (EUA) — um dos marcos fundamentais do renascimento moderno de Thelema no Século XX. Pela primeira vez, os estudantes da Lei podiam acessar, de forma estruturada e canônica, os quatro principais comentários de Crowley ao *Liber AL vel Legis*: o *Comentário Breve*, o *Comentário Silencioso*, os *comentários marginais* e o *Comentário Extenso*. Essa edição não foi apenas uma compilação; foi uma consagração doutrinária, pois ofereceu ao mundo a chave legítima para a interpretação da Revelação de 1904. Sem essa publicação, Thelema teria permanecido, por mais uma geração, envolta em véus e distorções.

Além desse feito decisivo, Motta organizou e publicou diversas outras obras que atuaram como pontes entre o legado de Crowley e o mundo moderno: *Calling the Children of the Sun*, *Oriflamme*, *Astral Attack and Defense*, *Thelemic Magick as Taught by Aleister Crowley* e sua obra filosófica e autobiográfica *In the Continuum*. Em todas elas, instituiu o hábito de transmitir instruções através de ensaios, cartas e diálogos — uma prática que ressoou fortemente nas futuras gerações de instrutores da A·A· e permanece viva até hoje, especialmente nos círculos em língua portuguesa.

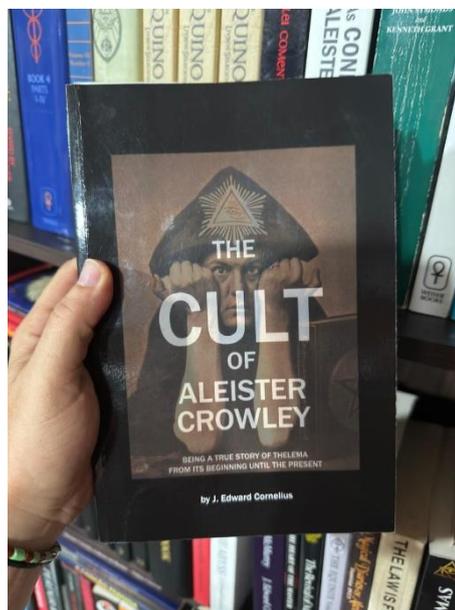
Como personalidade, Marcelo Motta era ferozmente doutrinário, profundamente exigente consigo mesmo e com seus estudantes, e implacável contra as vulgarizações do *Ocultismo*. Mas essa severidade brotava de um zelo real: sua missão era guardar o Fogo da Lei — e ele o fez com lucidez, método e coragem.

Ao contrário de muitos que se perderam em jogos de autoridade e prestígio, Motta concentrou-se naquilo que importa: *a integridade da transmissão*. Foi o primeiro a apresentar Crowley ao mundo com rigor filosófico, espírito crítico e fidelidade espiritual. Em sua pena, a A·A· ganhou um advogado, um arquivista e um arauto.

Marcelo Motta faleceu em 26 de agosto de 1987, aos 56 anos. Deixou discípulos, manuscritos, polêmicas — mas, acima de tudo, uma tocha acesa, que continua a iluminar o caminho de muitos Probacionistas, Neófitos e Instrutores em todo o mundo. Sua influência é sentida não tanto nas organizações que dele derivaram, mas nas consciências que despertaram à Lei por meio de sua obra.

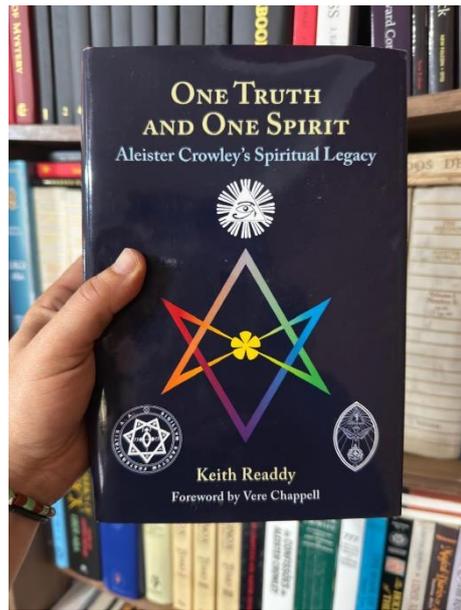
#### *Parte 4: não acredite em mim*

Não apenas os fatos, mas também as narrativas com que se molda a memória devem ser examinadas com discernimento. Nesse sentido, recomendo-te — com espírito crítico e senso histórico — a leitura da obra *The Cult of Aleister Crowley: Being a True History of Thelema from Its Beginning Until the Present* (2021), de J. Edward Cornelius (1951-2023). Ali encontrarás um retrato intenso, fragmentário e apaixonado das disputas que marcaram a história pós-Crowley, sobretudo no que diz respeito à transmissão da A·A· e à luta por legitimidade espiritual entre os discípulos de Karl Germer, incluindo Marcelo Motta, Grady McMurtry e outros nomes menos conhecidos, mas igualmente atuantes nos bastidores do Séc. XX thelêmico.



Cornelius não escreve como historiador neutro, mas como um iniciado profundamente envolvido nas controvérsias que narra. Sua obra é uma *mne-mohistória*, como dissemos antes: uma narrativa atravessada por afetos, memórias e posições — e por isso mesmo valiosa. Ao relatar a ascensão e o colapso de alianças, o autor nos oferece não apenas documentos raros, mas o testemunho de como a tradição é constantemente recriada na fricção entre fidelidade e ambição. Lê-se ali, com desconforto, que a história de Thelema não foi escrita em pedra, mas em fogo: paixão, ruptura e silêncio. Que tu possas ler essa obra como o que ela é — um espelho turvo — e lembrar, como está em *Liber 418*, que *todos os nomes, selos e templos são véus*. O que importa não é o véu — é a Luz que ele tenta ocultar.

Outra leitura útil, embora de perspectiva oposta, é o livro de Keith Readdy, *One Truth and One Spirit: Aleister Crowley's Spiritual Legacy* (2018). Readdy, membro da atual administração da O.T.O., busca apresentar a continuidade da Ordem sob a liderança de William Breeze como a legítima herdeira do legado espiritual de Aleister Crowley. Diferentemente de Cornelius, sua abordagem é acadêmica, cuidadosa na documentação, e marcada por um esforço claro de reabilitação institucional da O.T.O. pós-McMurtry. O livro apresenta a figura de Grady McMurtry como restaurador legítimo da Ordem no período pós-Germer e traça, com detalhes organizacionais e jurídicos, a consolidação de Breeze como *Frater Superior*.



Embora Readdy procure manter um tom equilibrado, sua obra está profundamente alinhada com a versão institucional da O.T.O., tratando com reticência ou marginalização as demais *linhas de transmissão* da A·A·:. Ainda assim, sua pesquisa é valiosa, especialmente ao expor as estratégias simbólicas e jurídicas utilizadas pela Ordem para legitimar sua estrutura atual. O leitor atento reconhecerá ali não apenas fatos, mas a construção de uma teologia política thelêmica — uma tentativa de afirmar o *um espírito* por meio de um só corpo organizacional. Lê-se essa obra, portanto, como quem contempla um vitral: com beleza, sim, mas ciente de que há luz por trás que não se deixa limitar pelas formas. Que tu possas, Soror, ao lê-la, aplicar o conselho de *Liber Aleph: julgar não pelo nome ou vestimenta, mas pelo fogo que arde no coração*.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

Fraternalmente,  
Frater AHA-ON 777 ∴ 8°=3<sup>□</sup>  
*Praemonstrator do Outer College Brasil*